

economia



Visão
Empresarial

Tiago Dinon Carpenedo

Diretor Financeiro do IEE

Quais medalhas queremos disputar?

Estamos na véspera da abertura oficial dos Jogos Olímpicos de 2024, que ocorrerão em Paris, capital francesa. As próximas semanas serão extremamente interessantes para todos aqueles que acompanham e admiram o mundo esportivo.

Nos Jogos de Tóquio de 2020, ocorridos em 2021 por conta da pandemia, o Brasil conquistou um total de 21 medalhas, sendo sete de ouro. Alcançamos a 12ª colocação entre as mais de duzentas nações que participaram dos Jogos. Não é o suficiente para nos considerarmos uma superpotência do esporte, mas ficamos bem posicionados.

Orgulhosamente, no futebol somos a seleção mais vitoriosa do mundo: ninguém revela tantos craques nem venceu cinco Copas do Mundo. A seleção olímpica de futebol masculino, entretanto, conquistou a primeira medalha de ouro somente em 2016. Em 2020, repetimos o sucesso, sagrando-nos os atuais bicampeões olímpicos.

Nos Jogos de Paris, não poderemos repetir o êxito. Na verdade, nem torcer pela seleção canarinho. A seleção masculina de futebol não conseguiu a classificação entre as dezesseis participantes do torneio. Ou seja, o sucesso recente (2016 e 2020) não pavimentou o sucesso futuro (2024).

Na esfera esportiva, a alternância é normal. Mesmo equipes e atletas favoritos sofrem com resultados inesperados. Bastam detalhes para ser derrotado pelo rival: um chute em que a bola trisca a trave e entra no gol na disputa por pênaltis, ou uma diferença de centésimo de segundo na corrida de cem metros rasos. Os esportes são extremamente dinâmicos.

Já nas esferas sociais, políticas e econômicas, os fatores que as impactam são complexos e estruturais. Portanto, melhoras e pioras não acontecem por obra do acaso e rapidamente. Mesmo os quatro anos entre as edições de Jogos Olímpicos - coincidentemente, o mesmo intervalo entre eleições no Brasil - são pouco para mudanças drásticas.

Usando a linguagem esportiva, “o jogo” aqui é outro: as instituições moldam nossa vida. E nossa sucessão de escolhas como nação molda nossas instituições. Por isso, convido o leitor para refletir sobre outros pódios que (não) estamos disputando.

O ranking Freedom in the World (organizado pela Freedom House) mede o nível de liberdades civis e políticas entre 210 nações e territórios: somos a 80ª colocada.

O World Press Freedom Index da Reporters Without Borders mensura a liberdade de imprensa: estamos posicionados na posição de número 82 entre 180 nações pesquisadas.

Já no Índice de Liberdade Econômica realizado pela The Heritage Foundation e The Wall Street Journal, a situação é ainda pior. Dentre as 184 avaliadas, somos a 124ª pior nação.

Esses são três rankings reconhecidos internacionalmente. Há muitos outros. Mas os resultados são semelhantes no que se refere a desenvolvimento e liberdades econômica, política e social. Somos medíocres. Nem mesmo poderíamos participar dos respectivos Jogos Olímpicos - nos quais estão os competidores de elite.

Essas palavras não são fruto de um ranzinza que busca ofuscar a grandeza das Olimpíadas e a nossa oportunidade de torcer pelo Brasil. Mas de alguém preocupado por nosso país estar, sucessivamente, distante dos pódios mais importantes: aqueles que impactam diretamente na vida das pessoas e em sua expectativa de futuro.

A coluna Visão Empresarial é publicada neste espaço às quintas-feiras a cada duas semanas

Agricultura Familiar será recorde na Expointer 2024

Neste ano, produção de 181 municípios estará representada



No ano em que comemora 25 anos de atuação na Expointer, o Pavilhão da Agricultura Familiar (PAF) contará com um número recorde de expositores. Na 47ª edição da feira - que ocorre de 24 de agosto a 1º de setembro - serão 413 empreendimentos ocupando o espaço, 41 a mais do que no ano passado.

Com um total de 181 municípios representados, a quantidade de empresas lideradas por mulheres também cresceu. Em 2024, serão 216, superando os 148 de 2023. Estarão presentes ainda 125 jovens na liderança de empresas; em 2023, foram 87. O espaço contará ainda com 73 estreates.

Ao site do governo gaúcho, o secretário de Desenvolvimento Rural, Ronaldo Santini, comentou que o aumento do número de expositores demonstra a importância da feira para os empreendedores familiares. “Este tem sido um ano desafiador para o Rio Grande do Sul como um todo, mas especialmente para o pequeno produtor rural. Apesar dos obstáculos impostos, vamos conseguir superar e ampliar o número de empreendimentos presentes”, comemora. “Isso mostra mais uma vez a relevância que o espaço tem para a economia dessas famílias, que veem a Expointer como o ponto alto de comercialização do ano.”

As agroindústrias presentes integram o Programa Estadual de Agroindústria Familiar (Peaf),



ANA TERRA FIRMINO/JC

Mais de 410 empreendimentos estão confirmados para esta edição

coordenado pela Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR). Além disso, o pavilhão terá expostos produtos como flores e plantas. Seis estandes apresentarão artesanato indígena das etnias Mbyá-Guarani, Kaingang e Xokleng, um estande contará com produtos artesanais feitos por comunidades quilombolas gaúchas e 38 agroindústrias trabalharão com produtos orgânicos.

O PAF conta também com uma praça de alimentação, que possui sete cozinhas vinculadas às agroindústrias familiares. No espaço, o público da feira poderá consumir pratos variados, produzidos com artigos da agricultura familiar, em receitas ligadas à tradição e aos costumes das diversas etnias presentes no meio rural do Estado.

O espaço da agricultura familiar é reconhecido pela grande variedade de embutidos, defumados, queijos e laticínios diversos, pães, cucas, biscoitos, doces, geleias, mel, pescados, derivados da cana-de-açúcar, farinhas,

vinhos, espumantes, cachaças, sucos, temperos, frutas desidratadas, ovos, licores, erva-mate, grãos e cervejas artesanais.

No artesanato, estarão produtos elaborados com matérias-primas encontradas nas propriedades rurais - como lã, fibras vegetais, couro, madeira, porongos e artigos de cutelaria ligados à tradição gaúcha. Entre os produtores de plantas e flores, destaca-se a produção de suculentas, orquídeas, bromélias e cactos, além da oferta de sementes crioulas.

O Pavilhão da Agricultura Familiar é organizado por uma comissão composta pela SDR, pela Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS-Ascar), pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetagr/RS), pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (Fetraf/RS), pela Via Campesina e pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Asgav quer embargo no raio de 10 km de foco de Newcastle

Claudio Medaglia

claudiom@jcrs.com.br

A Organização Avícola do RS emitiu nota técnica na qual pede ao Ministério da Agricultura e Pecuária o levantamento da autossuspensão das exportações de produtos oriundos de propriedades fora do raio de 10 quilômetros do único caso de doença de Newcastle identificado no Estado, no início de julho, em Anta Gorda.

A entidade sustenta o pleito nas medidas rápidas de isolamento do aviário onde foi detectado o foco e nas ações para barrar novos episódios, desencadeadas por técnicos da Secretaria da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação do Rio Grande do Sul.

Na prática, a ideia é que o governo adote um bloqueio regionalizado, obedecendo às exigências dos países compradores, analisados individualmente, conforme

os termos dos acordos comerciais bilaterais. Isso porque, com os resultados negativos em todos os demais exames laboratoriais feitos em amostras coletadas, toda a cadeia avícola gaúcha está prejudicada. O setor quer a intervenção do governo gaúcho junto à União, e da Associação Brasileira de Proteína Animal junto ao Mapa e aos países importadores, para que a retomada das vendas ocorra o mais rápido possível.